

TOLEDO, Conceição Arruda. Discussões inúteis. Diário do Povo, Campinas, 09 fev. 1974.

Discussões inúteis

Diário do Povo 9.2.74

CONCEIÇÃO ARRUDA TOLEDO

É impressionante a quantidade de papel de imprensa que se tem gasto em Campinas com o propósito de discutirem inutilmente assuntos há muito superado, definitivamente resolvidos e absolutamente irreversíveis.

Citarei dois, distendendo-me em considerações sobre apenas um, porque intimamente sinto-me ligada a ele.

O primeiro é acerca da data da fundação da cidade, cujas controvérsias dariam para a edição de um Tratado...

O segundo, é a respeito do adjetivo "campinense", adotado pela Academia de Letras local, fundada há quase dezoito anos, e que ainda hoje, quando a cidade está assoberbada de problemas de capital importância, reclamando debates, advertências, ataques ou reivindicações, merece de alguns cronistas atenção desmedida, monólogos solitários, como se fossem capazes com todo o aparato de que revestem suas "considerações", de fazer voltar atrás uma deliberação adotada por especialistas na matéria e que já goza de uma tradição respeitável de mais de cinco produtivos lustros, não só em Campinas, mas no Estado e em outras Capitais do País.

No último dia de janeiro, meu confrade Mário Pires, "a pedidos", retomou o fio da meada transcrevendo neste jornal, opiniões muito bem argumentadas, de intelectuais que não admitem dúvida quanto à capacidade de no setor linguístico; portanto, não irei aqui repetir seus nomes e opiniões.

Limitar-me-ei em transcrever um trecho de carta, datada de 14/1/74, que do Rio de Janeiro me escreveu um campinense da velha estirpe, um intelectual que Campinas precisa reverenciar, fazer-lhe justiça, porque exerceu, no quinquênio 21-25, uma notável influência sobre os jovens da época, juntamente com Hildebrando Siqueira, Rui Martins Ferreira, Helvidio Gouveia, Miguel Cione e outros, liderando movimentos culturais que marcaram época na cidade e estão documentados nas páginas da imprensa local, notadamente, na "Gazeta de Campinas".

Trata-se do inspirado poeta Aristides Monteiro que, não sei por qual razão, "exilou-se" de Campinas em 1925, porém jamais perdeu contato com sua terra natal, deixando transparecer em verso e prosa, e através de um estilo epistolar impecável e interessante, todo o amor e o grande interesse que nutre por tudo quanto lhe diga respeito.

Sobre Aristides Monteiro e o quinquênio 21-25 ainda voltarei a escrever nesta coluna e, se me for oferecido espaço, na página literária deste jornal, uma vez que estou de posse de verdadeiras preciosidades referentes a esse período, com documentário agora "inteiramente meu", e com autorização para "fazer dele o uso que me aprouver".

Pois bem, Aristides Monteiro, com quem venho mantendo assidua e utilíssima correspondência, em uma de suas cartas, dando mostras de acompanhar de perto tudo quanto aqui se passa, estando em dia com notícias e assuntos de crônicas publicadas na imprensa campinense, a respeito do debatido e esgotado tema, acrescenta: — "Estranhei a celeuma levantada sobre a coexistência normalíssima dos dois adjetivos pátrios **ambos corretos e inexoravelmente admitidos**, seja a forma ortodoxamente erudita, seja a vulgar sancionada pelo uso. A meu ver, a circunstância de os naturais de Campina Grande se apelidarem "campinenses" é que merece a crítica e sua Academia de Letras deveria qualificar-se como **campinagrandense**. É anti-poético, mas justo. Salvo melhor juízo, quando o topônimo é palavra composta, o último termo influi diretamente na derivação para adjetivo pátrio. Assim riograndense, do Rio Grande; espiritosantense, de Espírito Santo; matogrossense, de Mato Grosso; catariense, de Santa Catarina; paulista, de S. Paulo; vicentino, de S. Vicente, etc. Sempre o último termo influi na formação do adjetivo. Haverá exceções justificadas, mas não será o caso de Campina Grande. (Os grifos são meus).

Quanto ao "brasileiro" (no sentido de nativo do Brasil) em vez de brasílico, brasileiro, etc., o vocábulo vem sendo usado na literatura nacional (grifo do autor da missiva) desde os tempos coloniais; quem o introduziu em nosso vocabulário foi o poeta Gregório de Matos, segundo afirma o prof. Pedro Calmon em sua "História do Brasil".

Quem teria usado pela primeira vez a expressão "campineiro" para designar o nativo de Campinas? Está aí um tema interessante e oportuno. Por que não o desenvolve?"

Conclamo todos aqueles que se esbaldam em críticas contra o emprego de "campinense" à denominação de nossa Academia de Letras que despendam energias nas pesquisas sugeridas pelo ilustre e muito respeitado poeta da terra, Aristides Monteiro. Seria uma contribuição valiosa às letras e à história de Campinas, cujo interesse é comum a todos nós.